

Alfas, redpills e outras polêmicas tragicômicas no YouTube


Alphas, redpills and other tragicomic controversies on YouTube

Gabriel Gobbi Betti

Graduando em História

Universidade Federal de Santa Catarina

Email gabriel.gobbi.betti@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-2502-9309> 

Cristina Scheibe Wolff

Doutora em História Social

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: cristina.wolff@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0002-7315-1112> 

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo 

Resumo:

Neste artigo, analisamos como o YouTube tem sido utilizado por influenciadores brasileiros na disseminação de discursos masculinistas, antifeministas e *redpill*, que muitas vezes se articulam com os discursos políticos de direita. A pesquisa se concentrou em três canais da plataforma, selecionados por sua expressiva audiência e continuidade no tempo, com dados coletados em dois momentos distintos: 2023 e 2025. A partir de uma abordagem etnográfica digital, foram observados vídeos, discursos e imagens veiculados pelos canais, com ênfase nas estratégias utilizadas para desqualificar o feminismo e reafirmar papéis de gênero tradicionais. Os três canais, embora adotem estilos distintos — um mais “acadêmico”, outro com viés humorístico e um terceiro abertamente *redpill* — apresentam convergências importantes: repetição de argumentos, manipulação de dados e construção de narrativas distorcidas para sustentar perspectivas masculinistas e antifeministas. O estudo evidencia ainda o papel central dos algoritmos, da monetização e da linguagem na consolidação de uma cultura digital misógina, apontando para a importância de compreender tais dinâmicas na disputa contemporânea por sentidos sobre gênero e poder nas redes sociais.

Palavras-chave: masculinismo; antifeminismo; YouTube; *redpill*; gênero.

Abstract:

This article analyzes how YouTube has been used by Brazilian influencers to disseminate masculinist, antifeminist, and redpill discourses, often in connection with right-wing political discourses. The study focuses on three YouTube channels selected for their significant audience and sustained presence over time, with data collected in two phases: 2023 and 2025. Using a digital ethnographic approach, the research involved observing videos, discourse, and imagery disseminated by these channels, with an emphasis on the strategies employed to discredit feminism and reinforce traditional gender roles. Although the three channels adopt distinct styles — one more “academic,” another with a humorous tone, and the third openly redpill — they converge in important ways: the repetition of arguments, manipulation of data,

and the distortion of narratives to support masculinist and antifeminist viewpoints. The study also highlights the central role of algorithms, monetization, and language as instruments of power in shaping a misogynistic digital culture. These findings underscore the importance of understanding such dynamics in the contemporary struggle over meanings related to gender and power on social media platforms.

Keywords: Masculinism; antifeminism; YouTube; redpill; gender.

Ao longo das últimas duas décadas, o uso das redes e mídias sociais se tornou cada vez mais parte do cotidiano de um número expressivo de pessoas de diversos contextos sociais. Ao mesmo tempo, as mídias sociais mais populares passaram por constantes reformulações em suas formas de apresentar conteúdo, mas também novas redes surgiram. Diante dessas constantes mudanças, um espaço que conseguiu manter alta adesão e relevância é o YouTube, sendo hoje a segunda mídia social mais utilizada no Brasil, ficando atrás apenas do WhatsApp, segundo pesquisa realizada pela empresa *We Are Social*, em 2023. Em 2025, o site datareportal.com indicou 144 milhões de usuários do YouTube no Brasil, correspondendo a 67,8% da população do país. (Kemp, 2025) O YouTube, mídia social focada na produção de conteúdo em forma de vídeos, possui diversas formas de interação entre usuários, mesmo quando estes escolhem não se engajar na produção de conteúdo em si, como o espaço dos comentários e a opção de se inscrever nos canais de interesse. Dessa forma, esta plataforma pode se mostrar um objeto de estudo relevante para compreender as dinâmicas sociais e políticas vigentes na sociedade, uma vez que debates que envolvem tais temas são muito presentes na rede, inclusive com a presença de políticos e figuras públicas que criam conteúdo em seus próprios canais (Burgess; Green, 2009).

Vivemos um momento social no país polarizado. De um lado, há diversos grupos de esquerda e ligados a perspectivas democráticas e sociais, que estão representados, em termos das mídias, pela chamada “mídia alternativa”. No YouTube há muitos canais representativos dessas posições, que atualmente são rotuladas de “esquerda”, embora não tenham necessariamente articulação ou concordância entre si. Do outro lado, os grupos que anteriormente se consideravam liberais acabaram, no processo político recente, se aliando aos que se dizem conservadores e de direita (Costa, 2025).

Nesta conjuntura polarizada, diversos agentes políticos de direita se aproveitaram do espaço das mídias sociais para ganhar visibilidade e apresentar seus posicionamentos, atuando como *youtubers* (termo comumente utilizado para designar aqueles que produzem vídeos para a plataforma), contando não só com os espaços de seus próprios canais, mas também com colaborações, participações em canais de

entrevista e comunicação, e como pautas de vídeos *react*, modalidade de vídeo onde um *youtuber* assiste e comenta o vídeo de outro canal. Dentre as pautas discutidas nesses canais, questões de gênero se mostram muito presentes, com a reprodução de discursos conservadores, transfóbicos e antifeministas.

Diante desse cenário, foram selecionados alguns produtores de conteúdo que abordam tais temas de forma frequente, com base, principalmente, no alcance que possuem na plataforma e pelo teor de seu conteúdo, para terem seus vídeos e participações em outros canais analisados ao longo deste texto. O objetivo, por sua vez, consiste em entender de que forma agentes políticos de direita se utilizam de uma das maiores plataformas de mídias sociais do Brasil para propagar suas ideologias, e as formas pelas quais tais agentes articulam seus discursos.

Para a escrita deste texto, foram selecionados canais a serem analisados: “Canal Tragicômico”, “Luiz Felipe Pondé” e “RedCast”. Nosso critério de seleção procurou privilegiar o conteúdo — os seus aspectos masculinistas e misóginos — e, igualmente, levamos em conta também a longevidade do canal, o número de membros e de visualizações. Foram escolhidos canais com muitos membros e visualizações, e que tivessem conteúdo masculinista, mas eles não são os únicos, há muitos canais desse tipo na chamada “machosfera” brasileira. Um deles, Luiz Felipe Pondé, foi tomado aqui também como influencer, pois suas posições conservadoras ficam às vezes mais explícitas em programas de outros canais em que foi entrevistado. Foi criada uma *playlist* (ferramenta do YouTube para salvar grupos de vídeos em um único espaço para fácil acesso), com vídeos dos canais analisados e participações em outros canais, cujo assunto se referisse a mulheres, (anti)feminismo, e que tivessem caráter misógino ou masculinista. Os vídeos selecionados foram assistidos e o conteúdo foi analisado, de forma a entender quais eram os argumentos utilizados para defender os posicionamentos apresentados, seu embasamento teórico e, quando presentes, as fontes creditadas de dados e informações referenciadas. Os canais analisados têm diferentes níveis de alcance dentro da plataforma, dependendo de sua atuação em outros espaços, sejam eles virtuais ou não, bem como o tempo em que estão em atividade. Além disso, um fenômeno observado durante a análise foi a variedade de pautas que tais canais se propuseram a discutir, uma vez que o YouTube exige uma frequência de produção de conteúdo constante para que o canal siga relevante na plataforma. Embora nem todos os vídeos se refiram diretamente às questões de gênero, são comuns menções a essas questões, seja como piadas ou comentários irônicos, mesmo tratando de outras pautas. A coleta dos dados foi realizada em dois momentos: uma primeira etapa foi feita no

primeiro semestre de 2023, e uma segunda etapa complementar foi realizada em maio e junho de 2025, principalmente com o intuito de atualizar os dados e verificar se as análises realizadas para vídeos de 2023 ainda seriam válidas. Para ilustrar tais características, foi elaborado o seguinte quadro:

Quadro 1 — Características dos canais selecionados para a pesquisa

Canal	Ativo (2025)	Número de visualizações (média em 2025)	Número de inscritos (2025)	Presença em outras redes
Luiz Felipe Pondé	sim	98.468.688	1,04 milhões	sim
Canal Tragicômico	sim	227.625.819	1,18 milhões	sim
Redcast	sim	34.606.781	292 mil	sim

Fonte: YouTube. Acesso em: 13 jun. 2025.

Como metodologia para analisar os vídeos, foi usado um método derivado da netnografia, apresentada por Robert Kozinets (2014) em seu livro *Netnografia: realizando pesquisas etnográficas online*. Segundo Kozinets (2014, p. 31),

a netnografia, a etnografia de grupos eletrônicos, estuda as práticas culturais complexas em ação, atraindo nossa atenção para uma multiplicidade de ideias fundamentadas e abstratas, significados, práticas sociais, relacionamentos e sistemas simbólicos.

Ou seja, a netnografia é uma ferramenta metodológica para entender de que forma as dinâmicas sociais, como debates, formação de grupos e comunidades, bem como busca por expressão individual, se dão dentro do espaço virtual. Igualmente, utilizamos as reflexões de Letícia Cesarino, Silvia Walz e Tatiana Balistieri (2023, p. 18), que chamam atenção para a importância, numa etnografia digital, de entender que não somente o conteúdo publicado na internet, mas também a própria maneira como a internet plataformizada e algoritmizada influencia comportamentos e conteúdos.

Assim, temos consciência de que a maneira como esses *influencers* apresentam seus vídeos está relacionada a formas de otimizar suas visualizações e engajamentos, aproveitando os algoritmos que privilegiam conteúdos que chamam atenção por apresentarem opiniões polêmicas, questões às vezes absurdas, ou mesmo falsas, mas que, por isso mesmo, despertam interesse (Cesarino, 2022).

O antifeminismo no YouTube e alguns de seus agentes

Os protagonistas dos canais selecionados têm variados meios de atuação, para além do YouTube, e trajetórias de formação descritas em seus perfis no YouTube e observadas nos vídeos. Luiz Pondé é professor universitário e possui formação em

filosofia. Wagner Thomazoni, responsável pelo “Canal Tragicômico”, não citou nenhum tipo de formação acadêmica em seus vídeos, tendo começado seu canal como músico, fazendo covers de aberturas de animes, para, posteriormente, passar a trazer opiniões sobre política. Por fim, o Redcast é um podcast idealizado por diversas pessoas, se intitulando na descrição do canal como o primeiro “podcast redpill do Brasil” (citação direta da descrição do canal), movimento que será explorado com mais detalhes ao longo do texto. Convém acrescentarmos que essa afirmação foi o principal motivo para ser considerado como objeto de análise aqui. Ou seja, os três canais que escolhemos são bastante diferentes, mas têm algo em comum: um discurso misógino e antifeminista que perpassa seus conteúdos.

Esses canais, embora não se identifiquem diretamente com personagens políticos da extrema direita, são claramente antipetistas e se posicionam contra o PT em diversos momentos, abrindo espaço para proposições, vídeos e personagens de direita. Não sabemos se têm ou não financiamento advindo de organizações, partidos ou Think Tanks, como acontece, por exemplo, com a produtora Brasil Paralelo (Granjeira, 2024).

É importante indicar que o YouTube, embora tenha começado como uma plataforma de compartilhamento de vídeos (Burgess; Geen, 2009), já desde 2007, no Brasil, passou a monetizar os produtores de conteúdo, o que significa que quando um vídeo ou canal atinge um certo número de usuários e visualizações, o *youtuber* pode passar a receber um montante relativo aos anúncios que são exibidos em seus vídeos, e se os vídeos têm muitas visualizações, podem viver destes ganhos. A partir de 2012, a plataforma começou a usar de forma sistemática algoritmos para engajar a audiência, com recomendações cada vez mais individualizadas. Sabemos, porém, que estes algoritmos têm vieses que incluem vieses de gênero (Moro; Silva, 2024). A monetização e a algoritmização da plataforma geraram uma produção de conteúdos cada vez mais voltada ao “mercado”, que prioriza as *clicks baits*, as *fakenews* e outros conteúdos chamativos, entre os quais os conteúdos misóginos têm destaque.

O feminismo visto como movimento inimigo dos homens

Cada um dos canais analisados aborda de forma diferenciada as temáticas de gênero, de acordo com a formação e o contexto social de seus protagonistas — *youtubers*, porém, algumas semelhanças puderam ser observadas pelos vídeos assistidos. Inicialmente, é possível perceber a tendência desses canais em considerar o feminismo como um movimento que ataca os direitos dos homens e espalha informações

falsas que afetam suas relações interpessoais e possíveis políticas públicas voltadas a esse recorte social. Em seu canal pessoal, Pondé fala pouco sobre pautas de gênero, abordando-as com muito mais frequência como convidado em outros espaços, com destaque para o programa “Linhas Cruzadas”, disponível no canal do YouTube “TV Cultura”, que além de contar com programas na íntegra, posta curtos trechos focados em falas sobre um tópico específico, e também em entrevistas presentes no canal “Pânico Jovem Pan”. Mais recentemente, por exemplo, em fevereiro de 2025, deu uma entrevista para o canal The Billionaire Brasil, canal com 319 mil inscritos, que se autodescreve como “canal sobre Criação de Riqueza”, voltado a “fornecer a você as ferramentas necessárias para atingir a independência financeira e criar uma vida abundante e próspera” (@TheBillionaireBrasil). O vídeo foi apresentado como: “Pondé explica como o feminismo e a esquerda destroem a humanidade”. O título explica tudo: em sua entrevista, Pondé vai repetindo argumentos utilizados em outros de seus vídeos, explicando como o feminismo, ao trazer mudanças para a sociedade, desmonta as relações, deixando os homens “sem lugar”, ou seja, fora de um lugar de dominância, o que, juntamente com as propostas de esquerda, desestruturam a civilização e a humanidade. Pondé adota como base, principalmente, um darwinismo social bem raso, em termos de fortes e fracos, de homens que devem cumprir seu papel de provedores, entre outros argumentos que remetem a noções estereotipadas sobre as sociedades de caçadores e coletores.

Figura 1 — Capa do vídeo Pondé explica como o feminismo e a esquerda destroem a humanidade



Fonte: https://youtu.be/NiuXmwYTu_4?si=RYdERReDTNCXdNeS. Publicado em 09 fev. 2025.

[Descrição da imagem] Imagem da capa do vídeo Pondé explica como o feminismo e a esquerda destroem a humanidade. Na imagem, do lado esquerdo, escrito em letras maiúsculas, está o título O PLANO MACABRO DELES ESTÃO DESTRUINDO A HUMANIDADE DESSA FORMA, nas cores vermelho, branco e verde limão. Mais abaixo, está escrito Pondé RASGOU O VERBO, em branco e verde limão. Ao centro há um cartaz segurado por duas mãos, com o rosto de Lula à esquerda e o símbolo do feminismo à esquerda e está escrito: LULA PRESIDENTE! É PELA VIDA DAS MULHERES! Ao lado direito da imagem aparece um microfone preto e o rosto de um homem branco, calvo, com óculos preto e barba branca, vestindo uma blusa preta. [Fim da descrição].

No episódio de “Linhas Cruzadas” intitulado “Afinal, o que querem as mulheres?”, transmitido no dia 10 de junho de 2021, Pondé foi convidado a debater sobre o tema que

dá nome ao programa e fez diversas declarações contra o movimento feminista. Já na introdução, quando foi solicitado que escolhesse entre a filósofa feminista francesa Simone de Beauvoir e o livro *50 tons de cinza*, de E. L. James, optou pela segunda opção. Durante o programa, Pondé levantou a tese de que o feminismo é um movimento atrativo para mulheres jovens, mas disfuncional por, segundo ele, não levar em conta os (reais) desejos de uma mulher, generalizando todo o recorte social. Para isso, empregou uma frase à qual recorre constantemente ao falar sobre gênero: “Feminista não entende nada de mulher”. Após tais afirmações, Pondé passa a generalizar o que seria o desejo das mulheres, abordando detalhes daquilo que, para ele, seria um homem ideal para mulheres e que tipo de desejos são recorrentes em relacionamentos. Ele parte do princípio, portanto, de que o desejo das mulheres é um homem, e não qualquer homem, mas um homem de “sucesso”, que encarne os princípios da masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013). O embasamento para tais afirmações só possui um “dado” apresentado no programa: as altas vendas de livros eróticos com títulos que possuem as palavras “virgem” e “CEO”. Pondé coloca o feminismo como um dos movimentos culpados por causar aquilo que ele considera como uma crise nos relacionamentos, onde homens e mulheres supostamente já não saberiam mais a forma ideal de performar seus papéis sociais, o que levaria a frustrações em suas relações. Ele adere, assim, a uma postura conservadora que entende o patriarcado como a “ordem natural” da sociedade e que pensa que mudanças nessa ordem implicam desorganização e insegurança para os indivíduos (principalmente os homens, diga-se de passagem).

A ideia de que existiriam papéis de gênero tradicionais e fixos é uma pauta constantemente discutida nos movimentos sociais que abordam gênero e sexualidade, sendo a ideia de reforçar a ordem patriarcal dominante a perpetuação daquilo que Monique Wittig chama de “pensamento hétero”. A autora, em seu texto de 1980, “O pensamento hétero”, aborda o papel da linguagem e da construção de conceitos na perpetuação das noções de papéis de gênero e expectativas sobre os indivíduos, que são reforçadas por outros meios como correntes psicanalíticas. Estas, segundo Wittig, se afirmam como formas de entender e classificar os indivíduos, mas seguem perpetuando um padrão como a forma correta de existência, e invalidando as vivências daqueles que vivem fora desse padrão. Wittig (2022[1980]) explora em seu texto que colocar a heterossexualidade como norma e construir noções, tanto de performance de gênero, quanto de sexualidade, a partir da visão dominante, acaba por limitar os grupos sociais que não se conformam com essa norma, uma vez que tais indivíduos são obrigados a se definir a partir de suas diferenças com aquilo que é considerado padrão. Os movimentos

feministas contemporâneos continuam questionando a desigualdade de gênero e as violências impostas às mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ que não se adequam a imagens e comportamentos patriarcais, o que conflita com o recente recrudescimento de pensamentos masculinistas, que estão cada vez mais disseminados na internet (Valente, 2023).

Além da crítica feita às mulheres feministas, Pondé diz ter pena daquilo que classifica como “feministas”, ou seja, homens que apoiam o movimento feminista. Tal ideia também é reproduzida em sua entrevista no canal “Pânico Jovem Pan”, sendo vista já no título de um dos cortes, “Pondé: ‘Feministas desarticulam a forma como homens e mulheres se veem’”, postado em 18 de março de 2019 (Pânico Jovem Pan, 2019). O termo parece ter circulado bastante, tanto que o Canal Tragicômico o utiliza em vários de seus vídeos recentes, em 2025, como é o caso do vídeo “Feministas tomaram exposed e o resultado não é surpreendente” (2025), que teve 104 mil visualizações, e em cuja capa estão os dizeres: “A VERDADE PODRE DOS FEMINISTOS”.

A reapropriação de termos para torná-los classificações pejorativas, tentativa de sutilmente deslegitimar teoricamente os grupos adversários no debate, pode ser observada no discurso de Pondé nos vídeos analisados, bem como nos demais canais selecionados. Em seu livro *Discurso de Ódio: Uma política do performativo*, Judith Butler (2021) aborda os pontos que observamos nos discursos de Pondé. No livro, Butler (2021) parte da análise do poder do discurso proferido sobre a forma como a identidade é construída a partir de uma contextualização social. Para a autora, um grupo só é reconhecido como tal a partir do momento em que é reconhecido num contexto amplo e para além de tal grupo, com a definição de um termo atribuído para nomeá-lo. Butler (2021) argumenta, porém, sobre como os movimentos sociais trazem novos significados a termos antes usados de forma injuriosa como forma de resistência, uma vez que grupos oprimidos o são também através da linguagem, e tal mudança serve como forma de ganhar espaço onde antes eram excluídos. É o caso, por exemplo, do termo Queer, que era um termo injurioso e passou a ser usado como identificação positivada. Dessa forma, a mudança de significados atribuídos a gênero se dá também como forma de enfrentamento à opressão que delega papéis limitantes com base em construções sociais que causam desigualdade.

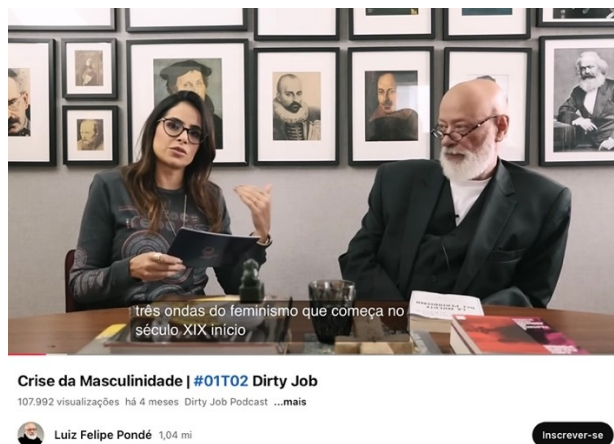
Pondé, durante suas aparições no programa da TV Cultura, também comenta sobre a questão da transexualidade. No vídeo “Pondé diz que homens não são obrigados a desejar nenhum tipo de grupo social”, Pondé responde a Thiessa Woinbackk, atriz e mulher trans, que comenta sobre homens rejeitarem se relacionar afetivamente com

mulheres trans, ao mesmo tempo que sexualizam seus corpos por meio do consumo da pornografia. A crítica da atriz tem grande respaldo em dados publicados por diversas pesquisas que envolvem consumo de pornografia, assim como violências contra a população trans. Mariana Franco, em seu texto publicado no Portal Catarinas, em 2021, mostra, por meio de dados fornecidos pelo site *PornHub*, que 98% dos acessos brasileiros em 2020 se deram em vídeos de conteúdo pornográfico trans, tendência que já podia ser observada desde 2017. Franco (2021) cita que, no mesmo ano, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA), em média uma pessoa trans era assassinada no Brasil a cada 48 horas. Segundo notícia publicada no site Agência Brasil, um dossiê publicado pela ANTRA (Benevides, 2024) mostrou que o Brasil era, em 2023, já há 14 anos o país no mundo com mais mortes de pessoas trans e travestis. Tais dados de violência não estão presentes na fala de Woinbackk, que foca mais a problemática do consumo de pornografia, citando o alto consumo de pornografia trans e a constante rejeição que mulheres trans sofrem pelo mesmo grupo social que consome esse conteúdo, ou seja, entra em cena o debate do problema da perpetuação da visão de um grupo social enquanto fetiche sexual, ao mesmo tempo que tal grupo é excluído dos espaços de afeto. Pondé, diante de tal argumentação, apenas afirma que homens heterossexuais não têm o compromisso de se relacionar ou desejar estar com nenhum grupo social, sendo justamente o desejo que apenas se converte em fetiche e objetificação de um grupo social constantemente violentado a problemática em questão.

Mesmo que seja mais contundente contra o feminismo em suas entrevistas externas, já que seu canal tem uma face mais “séria” e “filosófica”, há alguns vídeos publicados nele sobre feminismos, e em vários vídeos o feminismo (ou melhor, o antifeminismo) aparece ao longo do vídeo. Por exemplo, no episódio Crise da Masculinidade de uma série publicada no canal chamado *Dirty Job* (Trabalho sujo), em que Pondé está acompanhado de Gabriela Tessitore, que atua como apresentadora e entrevistadora, o feminismo é apontado como o maior responsável pela “crise da masculinidade”. Pondé assinala que sente “cheiro de histeria”, que todo esse discurso de gênero, raça, é “uma conversão histérica ao discurso” das identidades. Essa formulação não é somente antifeminista, mas é misógina, pois devemos lembrar como a histeria era evocada como uma doença mental das mulheres, e uma forma de desqualificar os discursos femininos (Bastos; Alves, 2024). Na Figura 2, vemos um print deste vídeo. É interessante notar como se trata de uma estética totalmente diferente da capa do vídeo apresentado na Figura 1. Nesta, tanto a apresentadora quanto Pondé estão de óculos e

têm livros em sua mesa, além de retratos em preto e branco de autores famosos, todos homens, incluindo Karl Marx e Maquiavel, entre outros.

Figura 2 — Print do vídeo Crise da Masculinidade, Canal Luiz Felipe Pondé no YouTube



Fonte: <https://youtu.be/cxJ4G7oAVQA?si=8R4V9aj3gO18Cy1j>. Publicado em 13 fev. 2025.
Acesso em: 17 jun. 2025.

[Descrição da imagem] Print do vídeo Crise da Masculinidade do canal Luiz Felipe Pondé. Ao lado direito há uma mulher jovem, magra, branca de cabelos compridos e castanhos, com óculos e vestindo uma blusa cinza escura, segurando uma ficha azul marinho na mão. Ao lado direito, um homem branco, calvo, com óculos preto e barba branca, vestindo uma blusa branca e blazer preto. Em frente a eles, em uma mesa, estão um livro e uma xícara. Na parede de trás há muitos retratos em preto e branco de homens enfileirados. Bem à direita está o retrato de Karl Marx. Há também Maquiavel e outros. Ao todo, aparecem oito retratos. [Fim da descrição].

O uso de dados fora de seus contextos

O vídeo postado no canal Canal Tragicômico, no dia 27 de setembro de 2019, narrado por Wagner Thomazoni, intitulado “O feminismo provou que o homem é a maior vítima de violência”, se baseia em dados de duas fontes para construir sua argumentação. A primeira fonte discutida é uma notícia publicada no site Exame, no dia 8 de junho de 2019, escrita por Clara Cerioni, e intitulada “Mulheres são minoria nos homicídios, mas estão mais vulneráveis em casa”. A segunda fonte é um texto publicado no site Guia do Estudante, por Carla Mereles, atualizada pela última vez em 11 de abril de 2019, e intitulado “Entenda a Lei do Feminicídio e o por que ela é importante”.

A primeira parte do vídeo analisa os dados da matéria de Cerioni (2019), que relatam as conclusões e estatísticas do Atlas da Violência (Cerqueira *et al.*, 2017; 2019) publicado no ano em questão, sobre casos de violência ocorridos entre 2007 e 2017. A matéria afirma que os homens são vítimas do maior número de assassinatos no período, totalizando 91,8% dos casos. Porém, a porcentagem de casos de assassinatos de

mulheres ocorridos dentro de seus domicílios, em média 39%, é maior do que a de homens, de 15,9%. A matéria destaca que, apesar dos dados coletados não serem suficientes para uma conclusão definitiva, eles indicam uma relação entre os locais dos assassinatos e casos de feminicídio. A partir desses dados, o vídeo aponta que a maior parte das vítimas de homicídios são homens, o que é correto, porém, questiona o foco da notícia em casos de assassinatos de mulheres quando o debate passa a focar o ambiente doméstico.

As análises dos dados presentes no próprio documento do Atlas da Violência (Cerqueira *et al.*, 2017; 2019) também apontam para a importância de se pensar os dados também a partir de perspectivas de gênero, mostrando que o número de casos de assassinatos de mulheres aumentou no recorte temporal em questão, destacando ainda que o aumento foi maior entre mulheres negras. A partir de recortes por UFs, o Atlas demonstra que o Estado do Espírito Santo teve uma diminuição considerável nos assassinatos de mulheres no período, uma vez que adotou políticas públicas de combate à violência com recorte de gênero. Segundo a matéria, o fato de a Lei do Feminicídio só ter sido oficializada em 2015 dificulta analisar possíveis aumentos de casos desses crimes no período, porém, a partir de análises de outros dados, o Atlas destaca uma série de observações que corroboram tal conclusão. Entre elas, um aumento no número de assassinatos por mulheres em domicílios por uso de armas de fogo, enquanto tal índice observou diminuição fora de áreas domiciliares, além de reafirmar o fato de que a maior parte dos assassinatos de mulheres ocorridos em domicílios é cometida por conhecidos, afirmação essa defendida pela conclusão de diversos estudos internacionais.

Durante seu vídeo, porém, Wagner Thomazoni analisa apenas números absolutos por ele calculados, baseados nas porcentagens trazidas pela matéria de Cerioni (2019). De acordo com os cálculos presentes no vídeo, o número total de assassinatos de homens ocorridos em ambiente doméstico totalizou 91.116, enquanto o número de casos de mulheres totalizou 19.312, sendo quatro em cada cinco vítimas, um homem. A partir desses números, o vídeo defende que a violência doméstica é um problema que atinge majoritariamente os homens. Existe, porém, um equívoco na definição de violência doméstica utilizada para defender esse ponto. Segundo a Associação Brasileira de Defesa da Mulher, da Infância e da Juventude (ASBRAD):

Violência doméstica é todo tipo de violência que é praticada entre os membros que habitam um ambiente familiar em comum. Pode acontecer entre pessoas com laços de sangue (como pais e filhos), ou unidas de forma civil (como marido e esposa ou genro e sogra). A violência doméstica pode ser subdividida em violência física, psicológica, sexual,

patrimonial e moral. Também é considerada violência doméstica o abuso sexual de uma criança e maus tratos em relação a idosos (ASBRAD, s.d.).

Dessa forma, o fato de o crime ter se passado no ambiente doméstico não faz com que ele necessariamente se configure como violência doméstica, sendo que casos como latrocínio em ambiente doméstico não configuraram violência doméstica. Além do equívoco conceitual, a análise dos dados feita no vídeo desconsidera a contextualização dos dados feita pelo Atlas da Violência, atitude que prejudica o resultado da análise, uma vez que dados como o autor do crime, o contexto e a forma como tal crime foi cometido se mostraram de extrema relevância para se analisar o fenômeno da violência e suas implicações sociais de forma coesa, e assim concluir de que forma tais eventos devem ser enquadrados e que políticas públicas deveriam ser direcionadas a combater o problema com eficiência.

A segunda parte do vídeo usa dados do texto publicado no site Guia do Estudante, “Entenda a Lei do Feminicídio e o por que ela é importante” (MERELES, 2019), com o intuito de reforçar o argumento já levantado durante a análise dos dados da reportagem anteriormente citada. Após usar estudos referenciados no texto como ponto de partida, o vídeo passa a utilizar dados do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes (UNODC), que separa o número de assassinatos por mulheres de acordo com cada continente. A partir dos números da América e porcentagens citadas no texto do Guia do Estudante, o vídeo tenta concluir que, ao longo do recorte temporal de 2007 a 2017, foram mortos em média 10 mil homens a mais por suas parceiras em relação a mulheres que foram mortas por seus parceiros. A UNODC, no entanto, possui levantamentos e notícias disponíveis em site oficial que refutam a conta feita no vídeo. Segundo dados da UNODC sobre a América, disponíveis no site da organização, a quantidade absoluta de casos de mulheres mortas por seus parceiros foi maior do que a quantidade de parceiros mortos por suas parceiras, além de tal proporção variar de acordo com o país, não sendo viável assumir uma média nacional a partir dos dados do continente. Vale esclarecer também que os dados divulgados pela UNODC comentados no vídeo não englobam diversos países, que não estão presentes nas tabelas divulgadas, sendo esse o caso do Brasil. Tal conclusão sobre as proporções é reforçada pela notícia divulgada no site da organização, intitulada “Homicídio mata mais que conflitos armados, diz novo estudo do UNODC”, onde está presente o trecho:

Embora mulheres e meninas respondam por uma parcela muito menor de vítimas de homicídio em geral do que os homens, elas continuam

a registrar, de longe, o maior percentual como vítimas de homicídio por seus parceiros ou membros da família (UNODC, 2019).

Sendo assim, é possível concluir que os dados calculados no vídeo não estão de acordo com os dados divulgados pelas organizações mencionadas como fontes por Wagner Thomazoni em seu vídeo. Após analisar os argumentos do vídeo, algumas conclusões podem ser feitas. A definição de violência doméstica presente ao longo da argumentação não está de acordo com as definições utilizadas por aparelhos legais e outros órgãos públicos, responsáveis por combater e prevenir esses ocorridos. Além da definição incorreta, os dados utilizados na argumentação são descontextualizados, e também desconsideram e ocultam análises e conclusões destacadas pelas próprias fontes utilizadas. Dados centrais na conclusão do vídeo são alcançados a partir de cálculos que misturam porcentagens e estatísticas de recortes mais amplos ou mais específicos, tornando os números pouco precisos e conflitantes com as conclusões das fontes utilizadas na argumentação. Dessa forma, a conclusão desta análise é a de que os argumentos do vídeo para defender a ideia de que homens são as principais vítimas de violência doméstica têm problemas de método de análise, equívocos teóricos e dados imprecisos. Concluimos, pois, que o objetivo do vídeo é uma tentativa de deslegitimar as lutas e pautas do movimento feminista, assim como questionar a necessidade de diversas de suas conquistas históricas, como a Lei Maria da Penha, por meio da criação de um discurso de que alegações de opressões e violência baseadas em gênero não teriam respaldo em dados de estudos que pesquisam violência em diversos recortes. São argumentos que, como anteriormente comentado neste texto, não têm embasamento e contradizem os estudos em questão. As análises apresentadas são, portanto, aquilo que se convencionou chamar *fakenews*, notícias falsas ou falseadas (Alves; Maciel, 2020).

Sobre a Lei Maria da Penha, é preciso relacionar esse discurso do Canal Tragicômico com o recente “documentário” realizado pelo Brasil Paralelo (2023), em que o ex-marido de Maria da Penha é entrevistado e se diz vítima de um falseamento, que ele nunca teria atacado sua esposa, e que esta teria inventado toda a história de lesões físicas e tentativa de assassinato pelo qual foi finalmente condenado.

O vídeo do Canal Tragicômico analisado foi publicado em 2019, mas seu conteúdo tem sido republicado muitas vezes no mesmo canal. Trata-se de um argumento recorrente o de que o agressor seria, “na verdade”, a vítima. Em 2023, o canal publicou outro vídeo, defendendo que a Lei Maria da Penha teria sido baseada em uma mentira. Este vídeo teve, até 2025, 661 mil visualizações, como se vê na Figura 3.

Figura 3 – Capa do vídeo Maria da Penha mentiu? A lei é baseada numa falsa acusação? Canal Tragicômico



Fonte: Canal Tragicômico. Disponível em:

<https://youtu.be/wRssk2u8udM?si=GS5WzSAv8gHNpsyW>. Vídeo publicado em 09 nov. 2022.

Acesso em: 13 jun. 2025.

[Descrição da imagem] Capa do vídeo Maria da Penha mentiu? A lei é baseada numa falsa acusação? Canal Tragicômico. Ao lado esquerdo há o rosto de uma mulher idosa, branca, de cabelos curtos, grisalhos, com brinco e colar de pérolas. Seus olhos estão cobertos por uma faixa preta com a palavra CIÚMES, em caixa alta, em vermelho. No centro aparece a frase FOI UMA FARSA? em branco e vermelho. Do lado direito aparece um rapaz jovem, branco, de cabelos escuros compridos, com cara de espanto e mãos em frente à boca. [Fim da descrição].

Os conteúdos utilizados para esta análise, porém, não se voltam apenas ao ataque ao movimento feminista, mas também em estabelecer papéis de gênero e estruturas sociais consideradas por eles como ideias que não apenas reproduzem convenções conservadoras, mas também pensamentos misóginos e transfóbicos. O ápice desse movimento nas redes sociais passou a ser o movimento chamado de Redpill.

O movimento Redpill no YouTube

O movimento Redpill corresponde à disseminação da ideia atribuída ao filme Matrix, de que a pessoa pode escolher ver a verdade, se tomar a pílula vermelha, ou permanecer na ilusão, se tomar a pílula azul (Regagnan; Souto, 2024). Iniciado nos Estados Unidos, nos anos 2000, esse “movimento” chegou ao Brasil já a partir de 2010, formando, com outros grupos on-line, o que se intitula machosfera ou manosphere, formada por grupos como os *incels*, *redpills* e outros masculinistas e antifeministas (Vilaça; D’andrea, 2021). A ascensão desses grupos e seu fortalecimento no espaço virtual não podem ser explicados de forma simples, sendo fruto de diversos fatores e possibilidades que a Internet proporciona. Kozinets (2014) já elucidava que a Internet se mostra como um espaço muito viável para encontrar comunidades e se criar um laço de pertencimento semelhante ao que ocorre fora do espaço virtual.

Pela dinâmica dada no espaço virtual, Kozinets (2014) pontua que as comunidades on-line passam a se formar principalmente pela relação de interesse que o indivíduo possui com a temática central que serviu como base para agregar as pessoas do grupo e trazer-lhe certo nível de coesão, além das relações interpessoais que passam a se estabelecer conforme os indivíduos da comunidade em questão passam a interagir. Tal dinâmica de agrupamento dentro das redes sociais, porém, não se dá sem interferência das mesmas, e de seus algoritmos, como apontam Camila Pereira e Caroline Coutinho (2019), no artigo “A extrema direita adiciona o neoliberalismo: o papel das mídias sociais no atual cenário político”. Pereira e Coutinho (2019) descrevem o impacto dos algoritmos nas redes sociais, ferramentas que promovem conteúdo aos usuários com base em interações prévias que eles tiveram na rede, o que gera, portanto, um fenômeno de agrupamento entre pessoas com opiniões similares, tornando as redes um espaço de reafirmação de opiniões e desarticulando possibilidades de debates. A criação de tais espaços se dá, também, segundo as autoras (2019), de forma manufaturada pelas empresas responsáveis pelas redes e por seus usuários, que possuem ferramentas capazes de impulsionar seus conteúdos e atingir públicos específicos. No contexto dos debates de gênero no Brasil, Pereira e Coutinho (2019) destacam o crescimento de tais grupos masculinistas e a ascensão da figura de Jair Bolsonaro como figura central em apoio a tais movimentos, uma vez que o ex-presidente, como comentado no artigo, era visto como uma figura pública que combateria os movimentos feministas e grupos LGBTQIA+, que são objetos de ódio e alvos de ataques constantes por parte de tais comunidades.

O espaço virtual e o agrupamento de comunidades criaram um cenário onde a possibilidade de fala se mostra mais acessível àqueles que o integram. Em seu texto “Doomer: Memes, redes sociais, desinformação e o crescimento da extrema direita”, Abel João Ribeiro Pacheco Quental (2022) comenta sobre o paradoxo criado no espaço virtual, onde ocorre uma democratização do espaço de fala, o que permite que qualquer um com acesso às redes manifeste opiniões e vozes, mas também causa a ascensão de figuras que espalham discursos de ódio e não possuem embasamento concreto para formação dos discursos que estão propagando, gerando casos como o já discutido vídeo do Canal Tragicômico, além da manutenção da relevância de figuras tais como Olavo de Carvalho.

Quental (2022) discorre também sobre o uso de memes, como forma de constituição de propaganda política e disseminação ideológica. O autor (Quental, 2022) caracteriza os memes como ferramentas que simplificam problemas complexos a partir do humor, muitas vezes sem apresentar soluções coerentes, causando complicações no

tratamento real de tais temáticas em meio ao grande fluxo de informações atualmente presente na Internet. Os memes são considerados por Quental (2022), também, como ferramenta de promoção política ao analisar a eleição de Donald Trump, nos EUA, que se utilizou desse recurso como forma de trazer novo significado a símbolos populares nas redes e se apropriar deles na disseminação de seus discursos.

Como dito acima, os memes podem ser usados como estratégia de promoção, e é nesse sentido que são apropriados pelo movimento Redpill. No ano de 2023, o meme conhecido na Internet como “Calvo do Campari” é um exemplo do movimento masculinista de se utilizar dos memes para ganhar destaque. Nesse episódio, um homem se tornou um meme por sua atitude rude com uma mulher durante uma festa, gerando uma série de vídeos que reagiam ou satirizavam a situação. Mesmo com o tom negativo da propagação, o homem passou a ganhar visibilidade e a ser convidado a espaços dos movimentos masculinistas, como é o caso do canal RedCast, que o convidou para uma entrevista que teve mais de 200.000 visualizações em 2023, na qual o homem é associado ao “Manual Redpill”. Esse personagem aparece várias vezes tanto neste podcast quanto no canal Tragicômico, e em outros canais masculinistas.

O RedCast é um canal onde são postadas as gravações do podcast de mesmo nome, que se autointitula “o podcast que mais cresce no Brasil”. A dinâmica dos conteúdos lá postados está associada aos movimentos e grupos acima citados, tendo como principais temas dos vídeos questões de comportamento dos homens, principalmente com relação a interações com mulheres. O discurso misógino dos vídeos pode ser percebido já nos títulos e *thumbs*, com frases como “É por isso que as medianas estão exigentes demais?”, “Elas quebram regras para betas” e “Eu queria relacionamento, mas elas buscavam p4# e água”. Nas frases citadas estão presentes alguns dos principais fatores vistos nos movimentos masculinistas em geral, sendo eles a objetificação das mulheres e a classificação de homens com base na proximidade que seus comportamentos têm dos ideais masculinistas, com os termos “medianas” e “betas”.

O canal repete os mesmos argumentos já colocados pelos outros aqui apresentados, como: 1) os homens sofrem mais violência do que as mulheres; 2) as feministas não gostam dos homens e fazem tudo para diminuí-los; 3) a necessidade de “liberdade de expressão” a qualquer custo social – e mesmo coisas como Terra Plana, evolução x criação, o que as mulheres querem, entre outros. Um personagem que tem aparecido recentemente com frequência se chama Renato38tão (fazendo alusão a um revólver calibre 38), que aparentemente é um especialista de tudo, incluindo relacionamentos, feminismo, bitcoins, terra plana e Império Americano. Este canal

também promove frequentes debates, seja de feministas com masculinistas, de feministas com *redpills*, entre outros.

Figura 4 – Anúncio dos episódios a serem apresentados na semana de 09/06 a 13/06/2025 no Instagram



Fonte: Postagem no Instagram no perfil @redcastoficial. Acesso em 13 jun. 2025.

[Descrição da imagem] Postagem no Instagram do perfil @redcastoficial mostrando a programação de vídeos do canal do YouTube para a semana de 09 a 13 de junho de 2025. Aparecem as capas de seis vídeos. Em cada uma das capas há uma série de elementos evocativos da temática em pauta, e aparecem retratos das pessoas que irão falar. Vídeo 1. Debatem um *redpill* e uma mulher de 30 anos. Do lado esquerdo há um homem branco com óculos e terno marrom. Atrás dele aparecem moedas de ouro e o nome Renato38tão. Do lado direito há três retratos de uma mulher loira, de cabelos compridos, e o nome Bianquinha. Vídeo 2. Debate: A Terra é plana? Quatro rostos de homens brancos. Vídeo 3. Qual o limite do humor? Aparecem 7 homens jovens com várias expressões, humoristas. Vídeo 4. A nova face do comunismo no Brasil. No centro está o rosto de um homem jovem, de óculos. Do lado esquerdo os perfis de Karl Marx, Lenin, Engels e Stálin, e do lado direito três bandeiras vermelhas com o símbolo do comunismo em amarelo. Vídeo 5. Evolução *versus* Criação. Aparecem dois homens brancos. Vídeo 6. Sociedades Secretas e o fim do império americano. Aparecem dois homens brancos, e uma bandeira dos Estados Unidos em preto e branco do lado direito. Do lado esquerdo há símbolos como animais e outros de sociedades secretas. [Fim da descrição].

Os vídeos do canal atingem de 25 mil a cerca de 600 mil visualizações. São vídeos, às vezes, bem extensos, mas também são publicados cortes como este, em que o tema são “mulheres rodadas”, ou seja, se os homens devem ter relacionamentos sérios com mulheres que têm experiências sexuais com outros homens. Esse corte, publicado há dois meses, portanto, abril de 2025, obteve 362.826 mil visualizações.

Figura 5 – Clima esquentou! Brigadeiro x feminista sobre Mulher Rodada



Fonte: Canal Cortes RedCast oficial. Vídeo com 362.829 visualizações, postado em 13 de março de 2025. Disponível em: https://youtu.be/50hfE_vVdF0?si=ECq38yPjKYxsKAVk. Acesso em: 13 jun. 2025.

[Descrição da imagem] Do lado esquerdo há um homem branco e jovem, de cabelos muito curtos e blusa azul, falando em um microfone preto. Do lado direito há uma mulher jovem, cabelos castanhos, presos, e camisa azul piscina com listras roxas na gola, também falando em um microfone. Ao centro aparece uma mulher loira e sorridente, de biquíni branco, e seios muito grandes em uma pose provocativa. Em cima no vídeo está escrito E se eles forem felizes assim?! Como se fosse a mulher da direita falando. E embaixo, como se fosse uma frase do homem Mulher rodada é puta que só serve pra comer, e o cara que assume ela é otário! [Fim da descrição].

É interessante observar que os rostos das “feministas” chamadas para os debates são sempre sérios. Elas estão com o cabelo preso, às vezes usam óculos, pouca maquiagem. Trata-se de um aspecto diferente das outras mulheres que aparecem nas imagens, maquiadas, com biquínis ou pouca roupa, e sorridentes.

O retorno financeiro a partir da misoginia

Como mostrado no quadro presente no começo deste artigo, os canais analisados foram capazes de acumular milhões de visualizações. O menor deles, o RedCast, acumulou mais de 5 milhões, com parte de conteúdo e de presença on-line de todos os responsáveis pelos canais sendo centrados na disseminação de discursos machistas e visões de relações de gênero conservadoras.

Esses números não representam apenas um potencial de disseminação e atenção centrada nessas figuras, mas também um ganho financeiro para seus realizadores, uma vez que o YouTube é uma plataforma com uma diversidade de ferramentas de

monetização. O ganho financeiro de canais misóginos no YouTube é uma questão que pode ser observada em centenas de canais, como mostra uma pesquisa encomendada pelo Ministério das Mulheres e realizada pelo NetLab, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2024, onde foram encontrados 137 canais que juntos somavam mais de 105 mil vídeos postados e quase 4 milhões de visualizações (Santini *et al.*, 2024). A pesquisa demonstra como, a partir de um discurso misógino, os membros da chamada machosfera conseguem empregar táticas de monetização como propagandas nos vídeos, disponibilização de chaves PIX para doações de espectadores, sistemas de membros do YouTube e anúncio de vendas de outros produtos desses indivíduos, além de consultas com dicas de como os homens deveriam se portar de acordo com ideias desses círculos masculinistas.

A pesquisa mostra que, ao contrário do que está colocado como parte das diretrizes da plataforma, o YouTube se mostra um espaço propenso para que figuras públicas apoiadoras de movimentos masculinistas possam alavancar sua notoriedade e ter diversas formas de ganho financeiro por meio da disseminação de discursos que, segundo a pesquisa da NetLab, naturalizam atitudes e interações que incluem uso de violência psicológica nas interações com mulheres. Além da circulação dentro de seus próprios grupos, a notícia também aponta para a forma como a ineficiência em regulamentar os espaços on-line permite que os discursos da machosfera alcancem outros espaços e tornem as redes sociais um espaço mais hostil para as mulheres que desejam também postar seus próprios conteúdos nessas plataformas.

Considerações Finais

O YouTube, tanto por sua popularidade enquanto mídia social no Brasil, quanto pelo esforço ativo de grupos políticos em ocupar tal espaço, se mostra uma plataforma de grande importância enquanto ferramenta para pautar e debater temas políticos latentes em nossa atual conjuntura. Como demonstrado no Quadro 1, canais de direita, que pautam o masculinismo e o antifeminismo como suas bandeiras, possuem grande projeção dentro da plataforma, tanto na criação de conteúdos em seus canais pessoais, quanto em participações de seus protagonistas em outros espaços, como programas de rádio e canais de notícia dentro da plataforma.

O número de canais masculinistas, de direita e antifeministas, continua crescendo, ao passo que também crescem canais de pessoas feministas, de esquerda, ou LGBTQIAPN+, mas estes são muitas vezes prejudicados pelos algoritmos que têm vieses impostos pelas plataformas. Essas plataformas não são neutras, como ficou muito claro

no início de 2025, com a eleição, nos Estados Unidos, de Donald Trump, claramente apoiado por personalidades como o dono do X (antes twitter), Elon Musk, e o CEO da Meta (Facebook, Instagram, Whatsapp), Mark Zuckerberg (Cesarino, 2022; Faustino; Lippold, 2023).

A machosfera também atrai de forma muito perigosa os adolescentes, especialmente os meninos, que são buscados através do “chans” (fóruns) ou mesmo de plataformas como o Twitch e o Discord (onde muitas conversas sobre jogos estão presentes). Lola Aronovich (2024), professora, pesquisadora e ativista brasileira, explica em várias de suas falas que, nesses fóruns, em jogos e outros ambientes da internet, é comum que se coloquem piadinhas ou ditos misóginos (do tipo Vai lavar uma louça!) e a partir das reações dos participantes, aparecem para eles convites para participar de outros espaços, que são mais radicalizados, e que incluem, inclusive, grupos neonazistas, masculinistas, incels, e outros. Neste artigo, tentamos mostrar a maneira como alguns destes canais articulam os discursos masculinistas e antifeministas, pois precisamos saber sobre essas estratégias para que possamos pensar como elas podem ser contrapostas. Mesmo num ambiente hostil como a internet, dominada pelas Big Techs, canais e podcasts feministas ou que combatem as fakenews e os discursos de ódio existem e são um importante contraponto à misoginia dominante.

Referências

ALVES, M. A. S.; MACIEL, E. R. H. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. *Internet & Sociedade*, 2020.

ARONOVICH, L. Conversa com pesquisadora. Laboratório de Estudos de Gênero e História. Gênero e História. *YouTube*, 2024. Disponível em: https://youtu.be/VE7filUhd10?si=K_xdhoUMTGA5frjL. Acesso em: 16 maio 2025.

ASBRAD. Significado de Violência doméstica. *ASBRAD*, s.d. Disponível em: <https://www.asbrad.org.br/violencia-domestica-contr-a-mulher/significado-de-violencia-domestica>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BASTOS, R. C. M.; ALVES, G. S. O jornalismo e o simbólico: o uso da palavra “histeria”. *VERUM: Revista de Iniciação Científica*, v. 4, n. 1, p. 01-12, 2024.

BENEVIDES, B. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA, 2024. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>.

BRASIL PARALELO. A história da Maria da Penha pode ter mais nuances do que parece à primeira vista. *Brasil Paralelo*, 16 ago. 2023. Disponível em:

<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/a-historia-da-maria-da-penha-pode-ter-mais-nuances-do-que-parece-a-primeira-vista>. Acesso em; 20 jun. 2025.

BURGESS, J.; GREEN, J. *Youtube e a Revolução Digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, J. Sobre a vulnerabilidade linguística. In: BUTLER, J. *Discurso de ódio: Uma política do performativo*. São Paulo: UNESP, 2021.

CERIONI, C. Mulheres são minoria nos homicídios, mas estão mais vulneráveis em casa. *Exame*, 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/mulheres-sao-minoria-nos-homicidios-mas-estao-mais-vulneraveis-em-casa/>. Acesso em: 29 maio 2022.

CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S. de; BUENO, S.; VALENCIA, L. I.; HANASHIRO, O.; MACHADO, P. H. G.; LIMA, A. dos S. *Atlas da violência 2017*. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf. Acesso em: 28 maio 2022.

CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S. de; BUENO, S.; NEME, C.; FERREIRA, H.; ALVES, P. P.; MARQUES, D.; REIS, M.; CYPRIANO, O.; SOBRAL, I.; PACHECO, D.; LINS, G.; ARMSTRONG, K. *Atlas da violência 2019*. Brasília; Rio de Janeiro; São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>.

CESARINO, L.; WALZ, S.; BALISTIERI, T. Etnografia na ou da internet? Desafios epistemológicos e éticos do método etnográfico na era da plataformização. In: SIQUEIRA, I. R. de.; COSTA, V. de S. (org.). *Metodologia e Relações Internacionais* – Vol. 4. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2023. p. 18-46.

CESARINO, L. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

COSTA, S. *Desiguais e divididos: Uma interpretação do Brasil polarizado*. São Paulo: Todavia, 2025.

COUTINHO, C.; PEREIRA, C. A extrema direita adiciona o neoliberalismo: o papel das mídias sociais no atual cenário político. *Cadernos de Relações Internacionais*, Rio de Janeiro, v. 2, 2019. p. 4-24. DOI: [10.17771/PUCRio.CadRI.45949](https://doi.org/10.17771/PUCRio.CadRI.45949)

FAUSTINO, D.; LIPPOLD, W. *Colonialismo Digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

FRANCO, M. Carta aberta sobre a pornografia trans às mulheres cis heterossexuais. *Portal Catarinas*, 2021. Disponível em: https://catarinas.info/carta-aberta-pornografia-trans-para-todas-as-mulheres/#_ftn4. Acesso em: 25 nov. 2023.

GRANJEIA, J. Brasil Paralelo: quem financia a produtora que milita contra o direito ao aborto. *Azmina*, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/brasil-paralelo-quem-financia-a-produtora-contr-o-direito-ao-aborto/>. Acesso em: 03 jul. 2025.

KEMP, S. Digital 2025: Brazil. *Datareportal*, 2025. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2025-brazil?rq=Brazil>. Acesso em: 15 maio 2025.

KOZINETTS, R. V. *Netnografia*: realizando pesquisas etnográficas online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MERELES, C. Entenda a Lei do Feminicídio e o por que ela é importante. *Guia do Estudante*, 2019. Disponível em: https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/atualidades-vestibular/entenda-a-lei-do-feminicidio-e-por-que-e-importante?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_ge_audiencia_institucional-Performance-Max&gad_source=1&gad_campaignid=21140589251&gbraid=0AAAAApAdqmYdYFbouBMjpl-19uWyZG0_R&gclid=CjwKCAjwprjDBhBTEiwA1m1d0p1YeEOKcQAfHDzVOEAHc-DQ4Z7mpnugXlbcj71xA5Pw_N7eR_FvsBoCh48QAvD_BwE. Acesso em: 29 maio 2022.

MORO, M.; SILVA, A. P. C. da. Mídias Sociais on-line a serviço das humanas: sugestões de ferramentas computacionais úteis. In: WOLFF, C.; SCHIMITT, E. (org.). *A internet como campo de disputas de gênero*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024. p. 178-191.

PÂNICO JOVEM PAN. Pondé: Feministas desarticulam a forma como homens e mulheres se veem. *YouTube*, 18 mar. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fy8uZjHsYTY&list=PLJx7SC7N56mlmPrji49MOvpWfBvRjhg3Y&index=3>. Acesso em: 19 jan. 2023.

QUENTAL, A. J. R. P. *Doomer*: Memes, redes sociais, desinformação e o crescimento da extrema direita. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/56913>. Acesso em: 10 abr. 2025.

REDCASTOFICIAL. Posts. *Instagram*. Disponível em: @redcastoficial, 2025. Acesso em: 13 jun. 2025.

REDCASTOFICIAL. Canal Cortes RedCast oficial. *YouTube*, 13 mar. 2015. Disponível em: https://youtu.be/50hfE_vVdF0?si=ECq38yPjKYxsKAVk. Acesso em: 13 jun. 2025.

REGAGNAN, I.; SOUTO, B. Um homem sem sua pílula vermelha está fadado ao fracasso: desvendando o comportamento redpill. In: WOLFF, C.; SCHIMITT, E. (org.). *A internet como campo de disputas de gênero*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2024. p. 125-136. DOI 10.29327/5366407.1-12

SANTINI, R. M.; SALLES, D.; BELIN, L. L.; BELISÁRIO, A.; MATTOS, B.; MEDEIROS, S. G.; MELLO, D.; GRAEL, F.; SEADE, R.; BORGES, A.; MURAKAMI, L.; CARDOSO, R.; DAU, E.; LOUREIRO, F.; YONESHIGUE, B.; CARMO, V. do; MAIA, F. “Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2024.

THE BILLIONAIRE BRASIL. Pondé explica como o feminismo e a esquerda destroem a humanidade. *YouTube*, 2025. Disponível em: https://youtu.be/NiuXmwYTU_4?si=RYdERReDTNCXdNeS. Acesso em: 17 jun. 2025.

THOMAZONI, Wagner, Canal Tragicômico. Feministas tomaram exposed e o resultado não é surpreendente. *YouTube*, 2025. Disponível em: <https://youtu.be/eArla5ue2q8?si=eHZGCBxlwiE5OI0G>. Acesso em: 13 jun. 2025.

THOMAZONI, Wagner. Canal Tragicômico. Maria da Penha mentiu? A lei é baseada numa falsa acusação? *YouTube*, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/wRssk2u8udM?si=GS5WzSAv8gHNpsyW>. Acesso em: 13 jun. 2025.

THOMAZONI, Wagner. O feminismo provou que o homem é a maior vítima de violência. *YouTube*, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aAuGrCS6Pvs>. Acesso em: 27 maio 2022.

TV CULTURA. Linhas Cruzadas – Afinal, o que querem as mulheres? *YouTube*, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TtICKiAKZyl&list=PLJx7SC7N56mlmPrji49MOvpWfBvRjhg3Y&index=7&t=582s>. Acesso em: 19 jan. 2023.

UNODC. Homicídio mata mais do que conflitos armados, diz novo estudo do UNODC. *UNODC*, 2019. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2019/07/homicidio-mata-mais-pessoas-do-que-conflitos-armados--diz-novo-estudo-do-unodc.html>. Acesso em: 28 maio 2022.

VALENTE, M. *Misoginia na Internet: Uma Década de Disputas por Direitos*. São Paulo: Fósforo, 2023.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, v. 24, n. 2, p. 410-440, 2021. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703>

WITTIG, M. O Pensamento Hétero (1980). In: *O pensamento hétero e outros ensaios*. São Paulo: Autêntica, 2022.

NOTAS

AUTORIA

Gabriel Gobbi Betti

Graduando em História (Bolsista Pibic 2021/2023)

Universidade Federal de Santa Catarina

Email gabriel.gobbi.betti@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-2502-9309>

Cristina Scheibe Wolff

Doutora em História Social

Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda a equipe do projeto InternetLegh.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Este trabalho forma parte dos projetos “Internet segura com perspectiva crítica de gênero” e “Misoginia: gênero, emoções e política nas redes sociais no Brasil contemporâneo”, coordenados pela professora Dra. Cristina Scheibe Wolff e financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação de Santa Catarina (FAPESC). Também contou com uma bolsa PIBIC/UFSC/ CNPq e está relacionado ao projeto de bolsa de produtividade do CNPq 312656/2021-1.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution* (CC BY) 4.0 International.

Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.:

publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daniel Serravallo de Sá

Cristina Scheibe Wolff

Elaine Schmitt

HISTÓRICO

Recebido em: 16-05-2025 – Aprovado em: 28-05-2025 – Publicado em: 24-07-2025